



27(1):183-189
jan./jun. 2002

RESENHA CRÍTICA

LOURO, L. Guacira. *Currículo, Género e Sexualidade*. Portugal: Porto Editora, 2001.

Acerca de nós

Silvana Vilodre Goellner

Publicado em Portugal, o livro *Currículo, género e sexualidade* de Guacira Lopes Louro, reúne cinco textos transformados, aqui, em cinco capítulos, dois deles não publicados no Brasil, a saber: “Um olhar feminista sobre a educação”, que emerge de uma conferência realizada em Curitiba, em 1998, no “I Encontro Paranaense de Estudos de Género” sob o título “Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças”; e “Género e magistério: representações plurais”, adaptado de um artigo publicado na revista espanhola Archipiélago, em 1997, denominado “Género y magisterio en Brasil: identidad, historia y representación”.

Os três outros capítulos que compõem o livro já nos são conhecidos. São eles: “Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e género nas práticas escolares”, publicado no livro *A Escola Cidadã*, organizado por Luiz Heron da Silva; “Pedagogias da sexualidade” que integra o livro *O corpo educado* organizado pela própria Guacira e *Corpo, escola e identidade*, que faz parte da revista *Educação & Realidade*, volume 25 n. 2, agosto/dezembro de 2000, cuja temática central é a produção do corpo.

Ainda que não sejam textos inéditos para nós, vale ressaltar que, uma vez escolhidos para configurar esta publicação, possibilitam novas leituras, seja pelo ordenamento através do qual estão dispostos na obra e pelo cuidado da autora em esclarecer aos portugueses peculiaridades de nosso contexto cultural, seja pelo que ele diz e pelos efeitos que produz.

Se o livro pode impactar os/as portugueses/as pelo seu ineditismo, continua a nos impactar pelo que provoca, tanto do ponto de vista teórico quanto político. É impossível ler ou reler estes textos sem nos posicionarmos diante do que narram, afinal, eles dizem de nós, de nossa constituição como sujeitos, de nossas identidades plurais, da forma como nos conhecemos ou fomos levados a pensar que nos conhecemos.

Fundamentado na teoria feminista e nos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista, o livro percorre o caminho da desconstrução, exigindo do/a leitor/a uma postura imediata: abrir mão das sólidas certezas e dos posicionamentos arraigados. Sua leitura desestabiliza verdades sobretudo quando nos leva a reconhecer que aquilo que denominamos de “normalidade” possui história, isto é, foi inventado e não existe desde sempre.

Mergulhada num aporte teórico que lhe permite romper com a fixidez, Guacira lapida suas palavras de forma a movimentar nossa sensibilidade e inteligência visto que com clareza, autoridade e delicadeza, entrelaça autoras/es, teorias, argumentos, vivências pessoais e posicionamentos políticos. Desde o primeiro capítulo anuncia, utilizando-se de uma expressão de Sandra Harding “estar dentro da moldura do quadro”, ou seja, contemplar memórias e experiências pessoais na tecitura de seus textos e conferências. E Guacira efetivamente lá está carregando-nos também para esse lugar.

“Um olhar feminista sobre a educação”, discute a pluralidade presente no campo dos estudos de gênero, os principais embates, as vertentes teóricas e as diferentes práticas pedagógicas feministas. Por se situar “dentro da moldura do quadro”, Guacira inicia suas reflexões a falar de si: do lugar de onde escreve, da posição social que ocupa, da sua aproximação com o feminismo e do seu envolvimento acadêmico e político com este campo teórico.

Desenvolve seu texto não apenas narrando algumas das principais modificações presentes nas investigações perspectivadas pelo olhar feminista, mas problematiza esse olhar, evitando conferir à sua escrita um tom ufanista. Há tensão nas suas palavras, nos argumentos, na trajetória que percorre para registrar a afirmação deste campo; ou melhor, na afirmação de algumas das suas referências teóricas. Joan Scott, Jacques Derrida e Michel Foucault vão, gradativamente, sendo revelados nas suas teorizações e contribuições para a consolidação do olhar investigativo da autora. A importância da delimitação do conceito de gênero, como uma possibilidade analítica a tensionar a idéia da universalidade do homem e da mulher, diferenciados pelas suas características biológicas; a desconstrução como perspectiva de ressignificar as dicotomias

presentes no pensamento ocidental e, ao fazê-lo, evidenciar a pluralidade presente em cada pólo que as compõem; a compreensão do poder não como algo uno e global mas constituído por redes que se exercem cotidianamente através de distintas relações, produzindo efeitos sobre sujeitos, por exemplo, são alguns contributos destes teóricos que Guacira didaticamente apresenta e explica.

A afirmação destas referências e sua articulação com os estudos de gênero conferem a este capítulo um lugar especial na configuração da obra porque é nele que a autora situa a sua escrita ao mesmo tempo que nela se situa. É nele, portanto, que podemos encontrar subsídios para melhor compreendermos as reflexões, afirmações e indagação presentes ao longo de todo o livro.

No final deste texto, Guacira desafia as/os autoras/es ligados aos estudos feministas ao lembrar que, pela sua trajetória de subversão e inovação, este campo teórico e político exige alianças com outros campos, no intuito de ampliar as análises e as intervenções delas decorrentes. Ao afirmar que o pessoal é também político, a teoria feminista alargou a compreensão de política, compreensão esta incorporada por Guacira que, a cada capítulo, convoca suas leitoras e leitores a posicionarem-se diante do que lêem, sentem e vivenciam.

No segundo capítulo do livro, nos deparamos com uma discussão que envolve as representações de magistério e sua articulação com gênero. Neste texto, Guacira recupera e desconstrói várias representações produzidas, no contexto brasileiro, acerca da professora, não sem antes demarcar que a educação escolar é um processo generificado, isto é, absolutamente marcado pelas representações de gênero. O processo de feminização do magistério é analisado através de uma sucinta abordagem histórica, cuja contribuição é, exatamente, situar a discussão, bem como evidenciar algumas das representações de professoras que circularam e circulam em nosso contexto cultural. A professorinha normalista, a professora solteirona, a profissional do ensino, a “tia” e a trabalhadora da educação ganham visibilidade no texto, movimentando tanto nossa memória quanto nossa imaginação.

A autora chama a atenção para o lugar designado às mulheres no contexto da educação e os atributos a elas conferidos, os quais muitas vezes, vistos como justificadores da “vocação” para o exercício desta profissão. E aqui suas palavras direcionam-se para a desconstrução daqueles argumentos que, localizados na natureza, tendem a justificar um papel social concedido às mulheres no entrelaçamento das disputas de poder, papel que muitas delas aceitam sem contestação, enquanto muitas outras marcam sua diferença, justamente a ele resistido. Afinal, relembra Guacira, as mulheres são distintas entre si porque são de diferentes religiões, raças, etnias, classe social e idade.

Este capítulo anuncia alguns dos temas a serem discutidos nos próximos: a ênfase na identidade e sua articulação com a diferença, a desconstrução dos binarismos que, pela linguagem, estruturam nosso discurso ocidental, o total descrédito ao essencialismo e à natureza como definidora de papéis e funções

atribuídos a um ou a outro sexo, as pedagogias através das quais nos construímos e reconstruímos, os artefatos culturais a nos educar, as relações de gênero e as sexualidades.

Enfim, são três capítulos diferentes e complementares, em que a autora esmiúça os temas gênero e sexualidade, estruturando um caminho bastante convidativo e sedutor. Ela parte da reflexão sobre o currículo e as práticas escolares como instâncias que não apenas reproduzem representações mas que também as produzem para, lenta e habilmente, chegar ao específico do corpo – este território tanto biológico quanto simbólico que, para além da natureza, é construído social, cultural e historicamente. Portanto, trata-se de um espaço marcado pelas representações de gênero e sexualidade, que se constrói e se reconstrói nelas e, neste lugar, adquire significados.

Apropriando-se do título do filme “Segredos e mentiras” de Mike Leigh e da música “O que será?”, de Chico Buarque, no terceiro capítulo do livro, Guacira faz ver que, além de estarem constantemente articuladas entre si, as identidades de gênero e as identidades sexuais são construções históricas e sociais que posicionam os sujeitos consoante o contexto cultural onde se inscrevem. Ao ressaltar que as identidades são socialmente produzidas, não fixas, e que articulam-se, a todo o momento, com outros marcadores sociais como, por exemplo, raça, religião e classe, a autora desconstrói as representações essencialistas que advogam a existência de um homem ou uma mulher universais, diferenciados, fundamentalmente, pelo que de biológico ou “natural” seus corpos apresentam. A própria idéia de natureza é desnaturalizada quando a autora argumenta que, “a nossa forma de ‘chegar’ à Natureza, de nos referirmos ao que é, ou não é, natural também se dá pela linguagem, também se faz por meio de símbolos e representações que se modificam historicamente”. (p. 39) Ou seja, a natureza é, também, uma construção histórica e social.

Ao desbiologizar o gênero e a sexualidade, Guacira atribui tanto à sexualidade quanto às representações de gênero um caráter eminentemente político, identificando-os como um campo de disputa, de negociações, de atravessamentos, de luta. Suas palavras nos falam dos silêncios, dos ocultamentos, dos segredos e mentiras cultivadas na instituição escolar e nos seus currículos e ajudam a compreender como esta instituição tem, historicamente, se munido de diferentes estratégias disciplinares para normalizar indivíduos. Indivíduos que, têm, também, a partir de lutas políticas, pressionado as instituições no sentido de se fazerem ouvir, de se tornarem visíveis e de serem por elas e nelas representados.

Ao finalizar esse capítulo, Guacira é provocativa quando nos pergunta, sem medo nem sutileza: “Afinal, qual é o nosso lado?” (p. 57).

“Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares” demonstra que, na denúncia ou no silêncio, somos, todas/os, constantemente interpelados pelos discursos que buscam normatizar a sexualidade e as relações de gênero. Obriga um posicionamento diante deles, ainda que, por

vezes, possamos acreditar que o silêncio signifique apenas omissão, sem nos darmos conta de que, se o pessoal é político, “o silêncio e o segredo significam uma tomada de posição do lado de quem já detém a autoridade e a legitimidade. Quando se está numa guerra, a omissão favorece o dominante” (Louro, p.57).

“Pedagogias da Sexualidade” é o título do quarto capítulo que compõe o livro e é, aqui, que com maior força e explicitação, que Guacira adentra o terreno pulsante e desestabilizador das teorizações acerca da sexualidade, evidenciando, a partir de suas indagações pessoais que, longe de ser um assunto pessoal e particular, a sexualidade tem uma dimensão social. É neste texto que o entrelaçamento dos estudos feministas com as teorizações de Michel Foucault se faz mais evidente, enriquecendo análises e suscitando reflexões.

Entendendo a sexualidade como algo construído, portanto, não natural, o texto busca evidenciar, a todo o momento, que a sexualidade ou as identidades sexuais e também as identidades de gênero são compostas e definidas por relações sociais, moldadas constantemente pelas relações de poder de uma sociedade. Portanto, posicionam sujeitos, classificam, nomeiam, incluem ou excluem. Fixam identidades e, por assim ser, discriminam. A sexualidade é política, e esse exercício se dá nas relações de poder que entre as diferentes representações acerca da sexualidade são construídas. Aqui, a heterossexualidade como norma é questionada e colocada em suspeição. Outras sexualidades ganham espaço e visibilidade; tornam-se possíveis de serem discutidas, compreendidas e, sobretudo, aceitas, não como desviantes ou anômalas ao que convencionalmente se designou como sendo “normal”. Mas como possibilidades, sim, de vivenciar desejos, afetos, prazeres, sensações corporais...

Ao discutir como se produzem identidades “normais”, Guacira localiza seus argumentos, outra vez, no âmbito da educação escolar. Enriquece seu texto garimpando memórias: lembra suas experiências escolares no que respeita aos tratos que esta instituição confere ao corpo, narra situações vivenciadas por outras mulheres e outros homens, entrelaça construções teóricas, ressaltando o quanto a nossa sexualidade é “educada”. Afirma, a cada parágrafo, que as muitas formas de fazer-se homem ou mulher e as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais estão inscritas na cultura, razão pela qual são sempre sugeridas, anunciadas e, também, regradas, controladas, negadas. Distanciam-se do plano biológico, ainda que haja uma parcela de biológico envolvida nelas, o que não significa afirmar que seja determinante na constituição de identidades sexuais e de gênero, nem na definição dos sujeitos, a partir da dimensão biológica que seus corpos apresentam.

O corpo é tema do último capítulo: o corpo, cuja centralidade adquirida na cultura contemporânea impõe mergulhar noutros tempos e espaços, reconhecer, nas marcas que sobre ele se imprimem, persistências e rupturas.

Em “Corpo, escola e identidade” Guacira propõe pensarmos o corpo não como algo que teria sido sempre desconsiderado pelo universo da escola. Ao contrário, a autora evidencia o quanto a educação escolar se ocupou e ocupa

dele, conferindo-lhe diferentes marcas: marcas de identidade que “dizem” dos sujeitos, marcas significadas por culturas e contextos distintos. Nas suas palavras: “Todos os processos de escolarização estiveram – e ainda estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (p. 88).

Ao discorrer sobre o corpo como algo construído e, portanto, não como um dado biológico, o texto nos remete a pensarmos sobre diferentes formas de assujeitamento do corpo, das minúcias de seu controle, da intervenção de diferentes poderes e saberes, da sua visibilidade midiática. Com ele podemos pensar, também, sobre os desejos e os prazeres do corpo, sobre possibilidades de libertação, de resistências e de enfrentamentos ao que o produz e educa. A discussão, aqui, refere-se ao corpo educado, e à escola é reservada grande parcela desta educação, pelo que dele nela se oculta e pelo que dele nela se anuncia: das permissões e das proibições; das marcas visíveis e daquelas invisibilizadas, porque carregadas de representações, sentidos, significados outros que não aqueles que “cabem” neste lugar.

Gênero e sexualidade ganham destaque dentre as múltiplas possibilidades de abordar o tema corpo, escola, identidade – temas que, outra vez, adquirem centralidade na narrativa da autora, naquilo que nos comunica. Se por alguns momentos a discussão parece se repetir, há que perceber que novos atravessamentos estão colocados no texto. Outros diálogos e outras ênfases se fazem notar como, por exemplo, a referência ao corpo como um “projeto”, na expressão emprestada de Chris Schilling. Um projeto profundamente inscrito na sociedade em que circula, onde se faz e se educa. Um projeto a movimentar um mercado promissor de diferentes e contínuos investimentos: “próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos” (Louro, p. 91). E tantos outros, como automodificação corporal, mutilações, mudança de sexo, exercícios físicos, práticas higiênicas, medicamentos, controle alimentar, enfim, um sem número de saberes e práticas a investir no corpo, produzindo-o diariamente.

Guacira nos fala do corpo como o *locus* da construção de identidades sobre as quais incidem relações de poder. Ressalta, ainda, a necessidade de questionarmos os significados que, neste momento e nesta cultura, atribuímos a uma determinada aparência corporal. Seria importante, alerta, “questionar sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tornassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a “valer mais” do que outras” (Louro, p. 91).

Historicizar o corpo é um instigante desafio. Percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, alargar olhares, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espa-

ços e tempos, objetivando evitar que desejos, paixões e sonhos presentes nas sombras conscientes e inconscientes de cada um, possam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar. Historicizar o corpo e, talvez, entender por que, quanto mais dele se fala, quanto mais nele se intervém e se altera, menos dele conhecemos.

Por fim, uma ressalva: ainda que Guacira oriente grande parte das discussões para o campo da educação escolar, esta não é uma obra direcionada apenas para professoras/professores. As discussões que apresenta, as análises sugeridas, os entrecruzamentos dos/as autores/as, as referências teóricas, as indagações que suscita, seu teor argumentativo oferecem possibilidades de compreensão a algumas de nossas indagações mais íntimas e particulares.

Leitura necessária neste tempo de profundas e sutis violências, *Currículo, Género e sexualidade* demanda coragem porque, afinal, é um texto acerca de nós – indivíduos em constante construção. Por isso, pleno de humanidade

Silvana Vilodre Goellner é professora da Escola de Educação Física da UFRGS

Endereço para correspondência:

Rua Ramiro Barcelos, 1920/41– Bom Fim,
90035-002 – Porto Alegre – RS
E-mail: goellner@terra.com.br